



## O castanheiro do quintal dos Buendía: uma região representada pela loucura

The chestnut tree of Buendía's backyard: a region represented by the craziness

Gerusa Bondan<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar a representação do castanheiro do quintal da família Buendía, da obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, enquanto região da loucura. Essa hipótese surgiu a partir das relações construídas entre José Arcadio Buendía consigo mesmo e com sua família a partir do momento em que a personagem tem um acesso de fúria e é afastada do convívio social e amarrada ao castanheiro por ser considerada louca.

**Palavras-chave:** castanheiro; José Arcadio Buendía; loucura; região.

**Abstract:** The present work has the objective of analysing the representation of the chestnut tree which is located in the backyard of Buendía's family, of *One hundred years of solitude*, written by Gabriel García Márquez, as the craziness region. This hypothesis was thought through the relations created between José Arcadio Buendía and himself as well as his family after having a moment of fury and being separated of the social contact and fastened around the chestnut tree because he was considered a crazy man.

**Keywords:** chestnut tree; José Arcadio Buendía; craziness; region.

*Cem anos de solidão* (1967) narra a trajetória da família Buendía no decorrer de pouco mais de um século, tempo suficiente para o alcance de seu apogeu e extermínio. O patriarca da família, José Arcadio Buendía, é uma das figuras mais emblemáticas da narrativa. Embora visto como uma espécie de chefe da aldeia, acaba sendo amarrado ao castanheiro do quintal de sua casa por ser considerado louco:

[José Arcadio Buendía] Dispunha-se a arrasar com o resto da casa, quando Aureliano pediu ajuda aos vizinhos. Foram necessários dez homens para subjugar-lo, quatorze para amarrá-lo, vinte para arrastá-lo até o castanheiro do quintal, onde o deixaram amarrado [...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 47).

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras, cultura e regionalidade pela Universidade de Caxias do Sul, RS. Docente em Produção Textual no Colégio Marista Aparecida – Bento Gonçalves, RS. Docente em Língua Portuguesa, Literatura, Produção Textual e Redação Técnica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, RS.

A representação do castanheiro enquanto região, segundo as relações construídas a partir dessa mudança na vida de José Arcadio – vinculada à loucura –, constitui o objeto de estudo do presente artigo.

A atuação de José Arcadio Buendía foi fundamental para a fundação de Macondo. O caráter empreendedor do personagem revela diversas competências responsáveis por torná-lo um líder, homem de respeito, incansável, exemplo a ser seguido na comunidade:

No princípio, José Arcadio Buendía era uma espécie de patriarca juvenil, que dava instruções para o plantio e conselhos para a criação de filhos e animais, e colaborava com todos, mesmo no trabalho físico, para o bom andamento da comunidade. Posto que a sua casa fosse desde o primeiro momento a melhor da aldeia, as outras foram arranjadas à sua imagem e semelhança. Tinha uma saleta ampla e bem iluminada, uma sala de jantar em forma de terraço com flores de cores alegres, dois quartos, um quintal com um castanheiro gigantesco, um jardim bem plantado e um curral onde viviam em comunidade pacífica os cabritos, os porcos e as galinhas (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 8-9).

Com o passar dos anos, porém, a obsessão do Buendía em adquirir novos conhecimentos e satisfazer a própria curiosidade afastou-o do mundo exterior. Em ocasiões de insucesso em sua busca, José Arcadio Buendía passou a ter reações inesperadas, como o acesso de fúria, a partir do qual ele passa a ser considerado um louco, depois de constatado que seu invento, chamado de “máquina do tempo”,<sup>2</sup> estragara, ou seja, não funcionaria:

Então agarrou a tranca de uma porta e com a violência selvagem da sua força descomunal espedaçou, até transformar em poeira, os aparelhos de alquimia, o gabinete de daguerreotipia, a oficina de ourivesaria, gritando [...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 47).

### **O lugar do louco é na cultura**

Ao tomar posicionamento contra a institucionalização de pessoas vistas como loucas, a psiquiatra Ana Marta Lobosque enfatiza que, para a sociedade, “o lugar do louco

---

<sup>2</sup> Tratava-se de uma máquina de pêndulo cujo objetivo era fazer com que o homem voasse.

é na instituição, e não na cultura” (2001, p. 18). Interessante, nesse sentido, que estudos acerca da loucura encontram-se estreitamente vinculados à cultura – independentemente da terminologia utilizada por autores diversos ao fazer referência a essa questão.

Pessotti (2001), por exemplo, introduz a discussão acerca do assunto mencionando Foucault (1954), e elucida que a “loucura é considerada uma aberração da conduta em relação aos padrões ou valores dominantes numa certa sociedade” (2001). Pessotti acrescenta:

Uma história da loucura poderia tratar dos modos de reação do grupo social à conduta estranha ao seu agente, o louco. Uma história desses modos de reação social, entretanto, poderia ser a história do papel social do louco, ou dos valores associados à loucura. Ou até uma história da loucura, concebida, então, como uma ampla categoria de homens e condutas aberrantes, marginais em relação aos valores dos grupos dominantes e, por isso, coibidas (2001, p. 7).

A loucura é, para Pessotti (2001), “a perda do caráter distintivo do humano”. Em *Cem anos de solidão*, José Arcadio Buendía parece se desvincular dessa característica – se é que isso ocorre – não no instante em que apresenta uma crise nervosa, mas na medida em que passa o tempo debaixo do castanheiro. A partir desse ponto, o patriarca passa por um processo que pode ser explicado de acordo com os pressupostos de Pessotti ao discutir a sistemática da loucura: “a constatação da precariedade da essência do homem se impõe de modo irrecusável. A autonomia pessoal cede lugar [...] às inevitáveis imposições das contingências corporais da vida humana” (2001). Tais eventos encontram respaldo no pensamento de Foucault, que, ao estudar a loucura, acabou por situá-la na sociedade devido ao fato de ela se permitir a regência por certos valores e padrões. (1954)

A obra de García Márquez parece ancorada em uma sociedade na qual imperam modelos que determinam as ações das personagens: ao retornar de uma viagem feita com a filha Amaranta e encontrar o marido em tais condições, a esposa, Úrsula, não questionou o procedimento do filho e dos vizinhos:

Quando Úrsula e Amaranta chegaram, ainda estava atado pelos pés e pelas mãos ao tronco do castanheiro, ensopado de chuva e num

estado de inocência total. [...] Úrsula lhe soltou as munhecas e os tornozelos, ulcerados pela pressão das cordas, e o deixou amarrado apenas pela cintura. Mais tarde construíram uma pequena coberta de sapé para protegê-lo do sol e da chuva (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 46-47).

A partir do momento em que Úrsula, a matriarca empreendedora da família, mantém o marido sob o castanheiro e concorda com as formas encontradas para a proteção do corpo de José Arcadio Buendía, institucionaliza-se, definitivamente, o status do Buendía como anormal.

A perspectiva apontada por Pessotti (2001) acerca do caráter que distingue o humano é corroborada pelas ideias de Frayze-Pereira (2002) em torno da loucura. Conforme o autor, o louco perde o estatuto de humanidade no momento em que se crê numa loucura localizada no indivíduo. A vestimenta que a sociedade empresta ao louco o transfigura em monstro: “um louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades” (FRAYZE-PEREIRA, 2002, p. 11).

É possível que a inquietude e o inconformismo que caracterizam o comportamento de José Arcadio sejam provenientes do contexto dentro do qual são originadas essas posturas e, principalmente, do contato que ele estabelece com Melquíades, o cigano viajante. Evidencia-se, entretanto, a persistência do personagem diante das dificuldades que tomam conta de seus empreendimentos e a credibilidade que ele adquire no momento em que Melquíades intervém entre o patriarca dos Buendía e o povo de Macondo:

José Arcadio Buendía, impassível, não se deixou amedrontar pelo desespero da mulher que, num impulso de cólera, destroçou o astrolábio contra o solo. Construiu outro, reuniu no quartinho os homens do povoado e demonstrou a eles, com teorias que acabaram sendo incompreensíveis para todos, a possibilidade de regressar ao ponto de partida navegando sempre para o Oriente. A aldeia inteira já estava convencida de que José Arcadio Buendía tinha perdido o juízo, quando Melquíades chegou para pôr a coisa em pratos limpos. Ressaltou em público a inteligência daquele homem que, por pura especulação astronômica, construía uma

teoria já comprovada na prática, se bem que desconhecida até então em Macondo [...] (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 7).

As reações de José Arcadio em relação aos acontecimentos e a obstinação com que ele se entrega às suas tarefas, por serem atípicas e desconhecidas dos demais moradores da aldeia, acabam causando o estranhamento das pessoas frente à sua conduta:

José Arcadio Buendía passou os longos meses de chuva fechado num quartinho que construía no fundo da casa, para que ninguém perturbasse as suas experiências. [...] Esteve vários dias como que enfeitado, repetindo para si mesmo em voz baixa um rosário de assombrosas conjeturas, sem dar crédito ao próprio entendimento (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 6-7).

Não há dúvidas, por conseguinte, que ocorre com o Buendía o que Foucault chamou de “uma operação através da qual a loucura encontra-se inserida no sistema dos valores e das repressões morais” (1978, p. 59).

Lobosque (2001) aborda a temática da loucura de uma forma que, se relacionada ao caso do pai dos Buendía, proporciona uma visão completamente distinta sobre as atitudes do personagem, ao contrário da interpretação dada pelos habitantes de Macondo às atitudes de José Arcadio. A autora acredita que problemas “são situados à razão” (2001, p. 19) pela loucura. Conforme Lobosque,

a razão é convidada a ir mais longe, no desenho das formas e figuras do seu exercício. Assim, reconhecemos as experiências da loucura não como aberração, mas como experiências legítimas e pensáveis do corpo, da existência, do pensamento. Experiências perturbadoras, sim, porque podem rasgar o sentido; mas podem também, em certos casos, imprimir ao sentido outros cortes, possibilitando inimagináveis refazendas [...] alguma coisa em nós não coincide com o que parece estar dado em nós mesmos; alguma coisa em cada um de nós não se conforma, não se adapta ao que é – e isto tem a ver com a subjetividade (2001, p. 20-22).

Daí o entendimento sobre os delírios e a capacidade inventiva de José Arcadio, aptidão esta desenvolvida por meio da disciplina a que o próprio Buendía se impunha e que não era assimilada por seus familiares.

Frayze-Pereira comenta a teoria proposta pela antropóloga americana Ruth Benedict, que possibilita visualizar uma explicação para o fenômeno da 'loucura' de José Arcadio Buendía, conforme o contexto social em que vive o personagem. A partir das ideias de Benedict, Frayze-Pereira explica:

Cada cultura seleciona algumas das infinitas virtualidades da essência humana e propõe a seus membros modelos de conduta: aqueles cujas reações espontaneamente se aproximam mais do padrão proposto são favorecidos; aqueles cujo comportamento se situa fora do arco de possibilidades antropológicas privilegiadas pela sociedade são os anormais (2002, p. 24-25).

Se José Arcadio tivesse sido amarrado ao castanheiro para que não acabasse destruindo a casa inteira num acesso de fúria, após o cessar da crise, seria aparentemente coerente que lhe fosse permitido se desvincular das amarras, retomando seu habitual lugar no cotidiano da família – o que não ocorre. Nesse sentido, novamente é reforçado o caráter de imposição cultural conferido à loucura, uma vez que José Arcadio apresentava atitudes que não se inseriam no que poderia ser chamada de 'conduta padrão' e era, portanto, 'anormal'.

Tomando por base a análise de Frayze-Pereira (2002) em torno da loucura enquanto fenômeno social, essa situação é decorrente dos modelos de loucura elaborados pelas coletividades humanas, o que determina a 'culturalização' da loucura:

Isto não significa apenas que um indivíduo é louco ou enlouquece sempre em relação a uma sociedade determinada ou que os sintomas da "doença mental" são negativamente determinados pelas normas sociais vigentes, isto é, opõem-se a elas. Mais do que isso, dizer que há modelos sociais de loucura significa que o indivíduo não enlouquece segundo seus próprios desígnios, mas segundo um quadro previsto pela cultura da qual é membro: cada sociedade possui ideias definidas acerca de como deve ser o modo de agir, pensar e sentir dos loucos. Há limites para a expressão da loucura.

E isto significa que a loucura é uma criação cultural (FRAYZE-PEREIRA, 2002, p. 28).

É Lobosque (2001), ainda, quem acrescenta que “a abordagem das experiências da loucura deve apontar para a sua presença e produção no espaço da cultura” (2001, p. 19). Todavia, na proporção em que a loucura de José Arcadio Buendía é desmembrada de acordo com a normatização da contextualização social dentro da qual ela se desenvolve, é construído – quer por José Arcadio, quer pelos habitantes de Macondo – um espaço que merece análise por percorrer o caminho inverso. Ou seja, o lugar do louco, nesse caso, não é na cultura, mesmo sendo a loucura determinada pela cultura, de acordo com Frayze-Pereira (2002).

### **José Arcadio e o castanheiro - um lugar de inclusão: um lugar fora da cultura**

Em sua obra *Literatura e psicanálise*, Brandão (1996) apresenta a seguinte questão: “se a loucura nos concerne a todos, como falar dela? De fora, de um lugar de exclusão, ou de um lugar de inclusão, de dentro da cultura?” (1996, p. 79). No caso em análise, a cultura se posiciona a partir da exclusão. Falar de inclusão, portanto, requer um posicionamento diverso: abordar a relação que José Arcadio estabelece com o mundo, desde o momento em que passa a viver amarrado ao castanheiro. Diante da loucura, afirma Lobosque (2001),

é claro que as pessoas podem acabar fazendo aquilo que as mandam fazer, seja pela violência da ordem, seja pela desistência do combate; em cada ser humano, porém, para além das suas qualidades e defeitos, para além da presença ou não da coragem e das ocasiões de resistir, existe algo que insiste, que não cede (p. 20).

A forma como José Arcadio Buendía foi preso ao castanheiro configura a presença da imposição pela violência, enquanto que o cansaço e a aceitação da sua condição – mesmo que determinada – estão ligadas ao conformismo demonstrado pelo personagem no diálogo com o Padre Nicanor: “Cada vez mais assombrado [Padre Nicanor] com a lucidez de José Arcadio Buendía, perguntou-lhe como era possível que o mantivessem amarrado numa árvore. — *Hoc est simplicissimum*: — respondeu ele — porque estou louco” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 47).

É notável, entretanto, que o Buendía, de certa forma, não cede, não abre mão de suas convicções e, na impossibilidade da comunicação familiar, o castanheiro passa a ser um espaço de convívio consigo mesmo; espaço em que são criadas “novas produções de sentido” – terminologia utilizada por Lobosque (2001, p. 21) –, espaço de sonhos e da retomada da amizade com Prudêncio, a quem matara muitos anos antes: “a única pessoa com quem ele [José Arcadio Buendía] podia ter contato, há muito tempo já, era Prudêncio Aguilar. Já quase pulverizado pela profunda decrepitude da morte, Prudêncio Aguilar vinha duas vezes por dia conversar com ele” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 49-50).

Na loucura concebida por José Arcadio Buendía e por meio do confinamento ao castanheiro – espaço, este sim, que lhe é familiar, o patriarca dos Buendía “mesmo em sua razão, poderá tornar-se verdade concreta e objetiva a seus próprios olhos. Do homem ao homem verdadeiro, o caminho passa pelo louco [...]” (FOUCAULT, 1975, p. 518).

A loucura de José Arcadio serve como uma espécie de divisor de águas: antes do atrelamento, o castanheiro era um ornamento, um elemento pertencente ao quintal; após a mudança do patriarca dos Buendía para a árvore, o castanheiro passa a ser uma configuração territorial consoante às ações realizadas em torno dele, a partir do momento em que José Arcadio passa a viver amarrado ao castanheiro e, nesse âmbito, criar produções de sentido inusitadas:

Quando só, ele [José Arcadio Buendía] se consolava com o sonho dos quartos infinitos [...]. Mas ela [Úrsula] insistiu. Via-o tão manso, tão indiferente a tudo, que decidiu soltá-lo. Ele nem sequer se mexeu do banquinho. Continuou exposto ao sol e à chuva, como se as cordas fossem desnecessárias, porque um domínio superior a qualquer prisão visível o mantinha amarrado ao tronco do castanheiro (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 81, 62).

Para Santos e Silveira (2001), as ações realizadas sobre uma determinada configuração territorial determinam a sua significação real: “[...] território, em si mesmo, não constitui uma categoria de análise ao considerarmos o espaço geográfico como tema das ciências sociais, isto é, como questão histórica. A categoria de análise é o território utilizado” (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 247).

Na alusão do castanheiro como uma configuração territorial, na perspectiva de José Arcadio, é importante destacar que este acaba por habitar em torno da árvore, de tal modo a ela retornar quando colocado naquele que um dia fora o seu quarto: “E pediu



ajuda para levar José Arcadio Buendía para o seu quarto. [...] No dia seguinte não amanheceu na cama. Depois de procurá-lo por todos os quartos, Úrsula o encontrou outra vez debaixo do castanheiro” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 80). Esse ato de José Arcadio mostra que o castanheiro passa a ser um espaço praticado. Dessa forma, as palavras de Santos e Silveira (2002) corroboram o pressuposto em torno do qual o castanheiro passa a representar um território depois de se tornar morada para o Buendía:

o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele flui. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população (SANTOS e SILVEIRA, 2002, p. 96).

O castanheiro é dotado de um caráter simbólico ao ter o seu espaço apropriado e transformado em território, no que diz respeito à loucura de José Arcadio, uma vez que o seu tamanho – gigantesco – remete não apenas ao diâmetro do seu tronco, capaz de deter o louco, mas também à extensão da loucura. Esse processo pode ser explicado tomando as palavras de Arendt (2010), em *Notas para o estudo das literaturas regionais*: “o movimento de apropriação dos espaços e sua transformação em territórios [...] possibilita inferir que as representações estão carregadas de apelos simbólicos reveladores das estratégias de poder utilizadas pelos seus atores” (2001, p. 78). Ou seja, o espaço que abrange o castanheiro pode ser pensado enquanto um território “definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 1995).

É preciso verificar, contudo, que, com o passar do tempo atrelado ao tronco do castanheiro, é tamanha a intensidade com a qual José Arcadio mergulha em seu mundo interior, que a árvore passa a ser um espaço marcado por essa relação: “[...] José Arcadio Buendía, afundado num abismo de inconsciência, era surdo aos seus lamentos [...] na época em que Úrsula foi se lamentar ao seu lado, já tinha perdido todo o contato com a realidade” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 62).

Considerando essa perspectiva, é possível pensar o castanheiro conforme a visão de Certeau de que “região é um espaço criado por uma interação” (2002, p. 212).

Pozenato (2003) e Kaliman (2001) parecem partilhar dessa opinião. Aquele, ao reiterar que tais relações de poder estão vinculadas ao conceito de região enquanto “espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências, ou seja, a região é uma divisão do mundo social estabelecida por um ato de vontade” (POZENATO, 2003, p. 01-02). Kaliman, por sua vez, ao registrar que concebe a região como

el espacio en si, sino como una función sobre el espacio, que arroja una circunscripción de ese espacio. Pertenece a un conjunto de conceptos ordenados en una escala que va desde nuestro propio cuerpo hasta el universo entero. [...] De manera solo un poco más precisa, podemos decir que la circunscripción espacial de la región se caracteriza por incluir todavía de manera significativa un componente informativo basado en nuestra experiencia directa, pero que al mismo tiempo ya es altamente dependiente de la información que nos llegue a través del discurso. En ese sentido, constituye un terreno definitivo para los procesos ideológicos. La configuración subjetiva de la región en cualquier individuo deriva de las negociaciones entre las imágenes que los discursos dominantes difundan y la información que el individuo ha recibido por su experiencia personal (KALIMAN, 2001, p.14).

Pozenato sugere que todas as relações do fato literário com uma dada região servem para explicar o conceito de regionalidade. (2003, p. 07). Dessa forma, pode-se comparar esse conceito à construção das relações entre José Arcadio Buendía e seu mundo interior após o seu estabelecimento no castanheiro, pois este evento marca a significação do espaço ocupado pelo castanheiro como uma região: enquanto fato que assinala a significação desse espaço enquanto região:

Uma determinada região é constituída, portanto, de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações adotadas para defini-la. Assim, em última instância, não existe uma região [...] a não ser em sentido simbólico, na medida em que seja construído um conjunto de relações que apontem para esse significado. Isto é, o que é

entendido como uma região é, realmente, uma regionalidade (POZENATO, 2003, p. 3-4).

Haesbaert afirma que “regionalidade envolve a identificação dos habitantes com sua região [...] dentro dela” (2010, p. 19), e é exatamente isso que acontece com José Arcadio Buendía, habitante que transforma o castanheiro em construção espacial que envolve, ainda, a criação desse espaço como representação regional. (HAESBAERT, 2010, p. 8).

Na medida em que é construído o processo de inclusão de José Arcadio ao castanheiro, o que o afasta do contexto cultural no qual ele viveu até então, a ‘loucura’ – fenômeno de abrangência universal –, se sobressai. Ou seja, a loucura é reafirmada a partir do regional, de acordo com as relações estabelecidas no espaço que o castanheiro abrange – José Arcadio na sua loucura; José Arcadio Buendía e o seu mundo interior: é o universal a partir do regional.

### **O castanheiro: para os Buendía, o lugar de exclusão, o lugar da loucura**

Estudar o castanheiro do quintal da casa da família Buendía como representação da loucura requer pensá-la sob o viés de quem se posiciona na margem oposta à do louco: a família Buendía e os habitantes de Macondo, que impuseram a José Arcadio esse espaço como moradia. Eles representam a cultura aqui mencionada, não assimilando a loucura, que para Brandão, é “habitada por uma des-razão constitutiva” (1996, p. 81). Por isso a exclusão de José Arcadio, a ignorância e a indiferença diante de seus atos. Conforme Frayze-Pereira, esse tipo de atitude está voltado ao caráter de universalidade da loucura, que consiste no afastamento da norma:

E nessa medida deixa de lado o sentido e o *status* que adquire justamente a partir do grupo que a denuncia e rejeita como loucura. O que é ignorado é que uma sociedade se expressa positivamente nas manifestações mórbidas de seus membros. O relativismo que em nosso cotidiano cada vez mais é confundido com uma atitude aberta oculta uma tomada de partido etnocêntrica. Ou seja, reduzir a natureza própria da loucura a um mero desvio é tornar universal uma visão cultural particular (FRAYSE-PEREIRA, 2002, p. 27).

Os termos de Frayze-Pereira encontram respaldo em Foucault. Na obra *Doença mental e psicologia*, o autor afirma que “é próprio à cultura dar à doença o sentido do desvio e ao doente um status que o exclui” (FOUCAULT, 1954). José Arcadio é excluído pela ‘cultura’ a partir de uma estratégia defensiva, a de evitar, a princípio, que o Buendía destrua a casa: “Disponha-se a arrasar com o resto da casa, quando Aureliano pediu ajuda aos vizinhos” (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 47). Essa tática constitui uma implicação territorial se analisada de acordo com a definição de território apresentada por Segato:

Território é sempre representação social do espaço, espaço fixado e espaço de fixação vinculado à [...] ação e existência de sujeitos individuais e coletivos. Portanto, [...] é espaço apropriado, traçado, percorrido, delimitado. É um âmbito sob o controle de um sujeito individual ou coletivo, marcado pela identidade de sua presença e, portanto, indissociável das categorias de domínio e de poder (2005, p. 3).

Pode-se dizer, então, que se as ações de José Arcadio são marcas da constituição territorial, o mesmo pode ser constatado em relação aos atos de sua família frente à loucura do patriarca:

Tomou a seu cargo [Remédios] a dispendiosa tarefa de cuidar de José Arcadio Buendía. Levava-lhe os alimentos, assistia-o nas suas necessidades cotidianas, lavava-o com sabão e bucha, mantinha limpos de piolhos e lêndeas os cabelos e a barba, conservava em bom estado o telhadinho de sapé e o reforçava com lonas impermeáveis nos tempos de tempestades. Nos últimos meses tinha conseguido se comunicar com ele por frases em latim rudimentar (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 51-52).

Desse modo, é permitido pensar que “o território sempre existe marcado pelos emblemas identificadores de sua ocupação por um grupo particular, inscrito pela identidade desse grupo que o considera próprio e o transita livremente” (SEGATO, 2005, p. 3-4).

É importante notar que a força da exclusão é de tal forma impressa ao castanheiro, que depois de amarrado José Arcadio a ele, o castanheiro passa a ser solitário, como o seu habitante. No decorrer da narrativa, ele só deixa de ser mencionado em função da loucura de José Arcadio nas ocasiões em que é utilizado como urinol por seu filho, o Coronel Aureliano Buendía, o que permite depreender que o castanheiro parece predestinado a abrigar José Arcadio Buendía nos últimos tempos de vida:

Úrsula na cozinha, Aureliano na oficina e até José Arcadio Buendía sob o castanheiro solitário tiveram a impressão de que um tremor de terra estava desmontando a casa. [...] e pensou sem motivo em José Arcadio Buendía, que naquele momento estava pensando nele, sob a madrugada lúgubre do castanheiro. [...] Desde a última vez que saiu à rua para propor uma guerra sem futuro ao Coronel Gerineldo Márquez, mal abandonava a oficina para urinar debaixo do castanheiro. [...] Em casa, Amaranta bordava a sua interminável mortalha e Úrsula se deixava arrastar pela decrepitude até o fundo das trevas, onde a única coisa que continuava sendo visível era o espectro de José Arcadio Buendía debaixo do castanheiro. [...] José Arcadio Segundo tão limpo e apresentável como estivera o bisavô no seu longo cativeiro debaixo do castanheiro (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 53, 73, 145, 153 e 186).

A relação de distância que se estabelece entre a família e José Arcadio Buendía serve para compreender o que vem a ser uma região, conforme ideias de Pozenato em torno dessa temática: “a região será melhor entendida se vista como simplesmente um feixe de relações a partir do qual se estabelecem outras relações, tanto de proximidade quanto de distância” (2001, p. 585).

Arendt (2010) assevera que “o território pode ser constituído pela região” (p. 192). A ele as pessoas estariam ligadas, segundo é possível observar no comportamento dos membros da família Buendía e no centro de alguém que se interpusesse ao cativeiro de José Arcadio, “em razão do nascimento, de experiências, de posições políticas e sociais, etc.” (ARENDR, 2010, p. 192).

É possível, então, pensar no castanheiro como uma região, se considerado sob a perspectiva dos atos de exclusão da família Buendía perante a ‘loucura’ de José Arcadio. Isso porque a família representa uma coletividade, e Pozenato, em seus estudos acerca

da região, a define como “rede de relações estabelecida por um *auctor*, seja ele um cientista, um governo, uma coletividade, uma instituição ou um líder separatista” (2003, p. 3-4). Na mesma medida em que é facultado relacionar a família à coletividade, mencionada por Pozenato (2003), se tomada a concepção de Arendt (2010), dentro da qual a região é “um modelo de referência com potencial de identificação, construído dentro de um processo cultural” (p. 192), a sistemática da cultura, no presente trabalho, abarca a família Buendía. Para Haesbaert,

pensar em região, assim, é pensar, antes de tudo, nos processos de [...] fundados numa “regionalidade” vista para além de mera propriedade teórica de definição do regional. Ao incorporar como dimensão primeira o espaço, isto não significa, nunca é demais enfatizar, que se trate de um espaço separado ou separável dos sujeitos que o constroem: a regionalização deve estar sempre articulada numa análise centrada na ação dos sujeitos que produzem o espaço e na interação que eles estabelecem, [...] ou seja, o espaço sempre visto em seu sentido relacional, totalmente impregnado nas dinâmicas de produção da sociedade (2010, p. 06).

Considerando que a regionalidade “envolve a identificação dos habitantes com sua região” (HAESBAERT, 2010, p. 19), é certo que as ações da família Buendía, que se posiciona dentro da cultura e, portanto, fora das limitações do castanheiro, determinam a perspectiva da regionalidade segundo os objetivos do presente ensaio e tornam-na participante da construção de uma região que representa a loucura; região simbolizada pelo castanheiro que serve como cativo para José Arcadio. Assim, se a exclusão de José Arcadio Buendía do seio familiar para o castanheiro é elemento constituinte da região da loucura, representada pelo castanheiro, o universal depende do regional para demarcar a sua existência.

### **Considerações finais**

É tamanho o estranhamento que o comportamento de José Arcadio causa em sua família – por ser considerada uma conduta fora dos padrões, que o filho Aureliano, com o respaldo de homens de Macondo, não hesita em amarrá-lo ao castanheiro, a fim de impedir que o patriarca prossiga com aquilo que eles entendem por loucura:

José Arcadio Buendía, cuja desatada imaginação ia sempre mais longe que o engenho da natureza, e até mesmo além do milagre e da magia, pensou que era possível se servir daquela invenção inútil para desentranhar o ouro da terra. [...] José Arcadio Buendía nem sequer tentou consolá-la, entregue que estava por inteiro às suas experiências táticas, com a abnegação de um cientista e até mesmo com o risco da própria vida. (GARCÍA MÁRQUEZ, 1996, p. 5, 6, 7, 9).

Essa atitude, somada ao fato de que a esposa e o resto da família não questionam esse ato e, ao contrário, contribuem para manter José Arcadio como cativo no castanheiro, corrobora as afirmações de Frayze-Pereira (2002) e Lobosque (2001) de que a loucura é um fenômeno determinado pela cultura.

A prisão de José Arcadio ao castanheiro do quintal de sua casa é motivo de estabelecimento de dois tipos de relações com esse espaço: a) inclusão por parte de José Arcadio; b) exclusão por parte da cultura. Essa tipologia diz respeito às significações dessa área territorial e, por isso, faz com que aí seja formada uma região a partir dessas relações, o que Kachel (2010) denomina de regionalidade, quando afirma: “regionalidade é, assim, abstração que caracteriza a totalidade de todas as significações de uma referida [...] região que aparecem em um dado momento no discurso público-midiático, e a partir dos quais é analisado um recorte (específico ou representativo) por meio de um estudo” (KACHEL, 2010, p. 59).

O castanheiro passa a ser um espaço construído culturalmente, o qual representa a loucura. A universalização da loucura só aparece por meio da região: o castanheiro, que é particular e, portanto, restrito, por compreender a loucura, passa a representá-la. Isso, porém, em decorrência das relações de inclusão e de exclusão em torno dele estabelecidas, o que o constituem como uma região – região que inclui o louco; região em que a loucura é criada pela cultura que a exclui.

## **Bibliografia**

ARENDDT, João Cláudio. **Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria.** Disponível em: <http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/rev/article/view/164/177>. Acesso em: 03 mar. 2011.

- \_\_\_\_\_. Notas para o estudo das literaturas regionais. XXV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. **25 anos de Anpoll: memórias e perspectivas**. Belo Horizonte: UFMG, jul. 2010.
- BRANDÃO, Ruth Silviano. **Literatura e psicanálise**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. v. 1. Petrópolis: Vozes, 2002.
- FOUCAULT, Michael de. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.
- \_\_\_\_\_. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FRAYZE-PEREIRA, João. **O que é loucura?** São Paulo: Brasiliense, 2002.
- HAESBAERT, Rogério. Região, regionalização e regionalidade: questões contemporâneas. **Antares**. n. 3. Caxias do Sul, jan-jun, 2010.
- KALIMAN, Ricardo. **La palabra que produce regiones. El concepto de región desde la teoría literaria**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, 2001.
- KACHEL, Thomas. Nacionalidade e regionalidade: reflexões sobre pesquisas empíricas de construções nacionais e regionais nos Estudos Culturais. **Antares**. n. 3. Caxias do Sul, jan-jun, 2010.
- LOBOSQUE, Ana Marta. **Experiências da loucura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2001.
- GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.
- POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: EducS, 2003.
- RIBEIRO, Bruno Alvarenga; PINTO, Viviane Aparecida. **Entrando na “Nau dos Loucos”**: breve revisão da história da loucura e seus desdobramentos, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/50>. Acesso em: 05 nov. 2014.
- SANTOS, Milton.; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEGATO, Rita Laura. Em busca de um léxico para teorizar a experiência territorial contemporânea. **Série Antropologia**, 373. Brasília, 2005.